

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Dezembro 1991



Novas de Grande Alegria

Natal! Natal! Vêm as crianças há muito exclamando em entusiástico frenesim, como se alguma suave magia pairasse no ar em mensagens de amor e esperança que, uma vez escritas no tempo, são renovadamente lembradas nesta época festiva.

Natal! Mensagem tão antiga quanto o tempo! Promessa de salvação e graça ao santo par do Éden, para alívio e conforto de seus desesperados corações, seduzidos pelo engano da desobediência.

Natal! Dom perfeito do Céu, proclamado ao homem pelos santos profetas de todas as épocas, que fizeram conhecida a eterna vocação do desejo divino: "Emanuel, Deus conosco".

Natal! Convite longânimo, de hoje e sempre, de nosso amante Redentor, que com brandura bate à porta de cada coração, na esperançosa expectativa de um "Sim", ao mais entranhado e poderoso anelo da alma: ELE.

Natal! Verbo feito Verdade, promessa cumprida no Presépio de Belém. Amor de Deus anunciado nas antífonas e hossanas angelicais, cuja luz iluminou as sombrias colinas da Judeia, despertando o olhar sonolento dos pastores para a Vereda Eterna que, esquecida de Si mesma, ali perto se iniciava, pelas pisaduras de misericórdia, e da manjedoura à cruz declaravam: "Paz na terra, boa vontade para com os homens!" (Luc. 2:14).

Natal! "Bem-aventurada esperança" levada ao mundo pelos que "guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo" (Apoc. 12:17). "Esse Jesus" que, conforme prometido, "de entre vós foi recebido em cima no Céu, há-de vir, assim, como para o Céu O vistes ir" (Act. 1:11).

Assim, o crente prepara-se para celebrar o Natal de Jesus, sabendo que a Sua primeira vinda é a certeza de que há-de vir outra vez a esta terra.

Natal! Presentes, fantasias, luzes, cores, melodias... mas não só! Por detrás de tão vistosos ornamentos, escondido por entre os sugestivos convites das montras mundanas, oculto nos ociosos prazeres e vãs certezas do conforto material, perdido no mar agitado dos esforços sem êxito dos que buscam uma paz e um bem-estar social, insinuando-se nas tentativas inglórias de alimentar um mundo que perece de fome, debilitado pela enfermidade, vergado sob filosofias, tecnologias e esperanças adiadas, há um Natal não cumprido.

Natal! A igreja, qual "estrela do Oriente", deve conduzir o pecador ao "Príncipe da Paz", dirigindo-lhe o olhar confundido pelas trevas da noite, para o "Sol da Justiça". Ousemos fazê-lo. Os resultados são do Senhor, porque d'Ele é o poder.

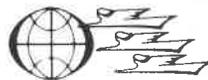
Natal! Maranata!

José Filipe Pereira
Director de jovens da igreja de Faro

PENSAMENTO DO MÊS

«Ao tomar a nossa natureza, o Salvador ligou-Se à humanidade por um laço que jamais se quebrará.» — *O Desejado de Todas as Nações*, ed. bolso, p. 21.

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Dezembro de 1991
Ano L • N.º 536

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 850\$00
Número Avulso 85\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. (044) 402413

Depósito Legal n.º 2705/83

Sumário

- 2 **Novas de Grande Alegria**
Por José Filipe Pereira
- 3 **Avançando com Coragem**
Por J. Morgado
- 4 **Inauguração do Novo Templo do Barreiro**
Por Fernando Mendes
- 6 **A Saúde: O que é que a Igreja Pode Fazer Neste Domínio?**
Por Jochen Hawlitschek
- 8 **Natal — De quem é a Festa?**
Por Marcos de Benedicto
- 9 **Juventude**
- 13 **Notícias do Campo**
- 19 **Índice 1991**

Capa: Nova Igreja do Barreiro

Inauguração do Novo Templo Adventista do Barreiro: Um velho sonho tornado realidade

No passado dia 28 de Setembro, a igreja do Barreiro esteve em festa. Foi finalmente inaugurado o novo templo adventista desta cidade, um sonho velho de mais de 40 anos.

Efectivamente, já em 1950 se falava da necessidade de termos, naquela que é hoje a cidade do Barreiro, uma igreja condigna para albergar os crentes e as visi-

tas que em tão más condições se reuniam no velho salão da Rua Egas Moniz. Mas os anos foram passando sem que fosse possível concretizar tal aspiração. Se já então o edifício ameaçava ruína, imagine-se ao fim de todos estes anos, e isto apesar das inúmeras reparações a que foi sendo submetido!

Desde essa altura, muitos foram os esforços para se

construir uma nova igreja no Barreiro, e a eles não ficaram indiferentes nem os membros da congregação local, que tanto se empenharam, nem a própria direcção da nossa União, que chegou a atribuir verbas para este projecto. De facto, quando em 1984 me foi confiada, pela terceira vez, a responsabilidade pastoral desta igreja, o Pastor Morgado, seu actual presidente, disse-me que a prioridade número um do Barreiro era a construção do seu novo templo.

A aprovação de uma construção que fosse ao encontro das nossas necessidades como igreja foi extremamente difícil de conseguir. Chegámos mesmo a ter dois terrenos e nenhum deles a obteve. Depois de 1974, quando as edilidades começaram a poder dispor de terrenos, dirigimo-nos à Câmara e solicitámos um terreno passível de tal construção em troca dos dois que possuíamos. Mas a Câmara do Barreiro não dispõe de terrenos dentro da cidade nem na sua periferia e tudo o que pudemos obter foi construir, numa área residencial, um edifício que, embora discreto no exterior, se adapta interiormente à vida e necessidades dos cerca de 150 crentes que ali possuímos.

Foi um longo percurso que, felizmente, teve a sua feliz conclusão no último Sábado de Setembro. Não podemos enumerar todos os que de uma forma directa ou indirecta contribuíram para a concretização deste projecto. Mas não podemos deixar de lembrar os crentes desta igreja — alguns dos quais já dormem no Senhor — que, ao longo de quatro decénios, mantiveram viva a esperança da sua realização e contribuíram de forma significativa para o Fundo do Templo do Barreiro. Recebemos também valiosas ofertas de crentes de outras igrejas do nosso campo e desejamos agradecer de todo o coração às igrejas do Porto, Canelas, Avintes, Espinho, Oliveira do Douro, Braga, Viseu, Lisboa-central, Lisboa-General Roçadas e Amadora que partilharam conosco este grande plano de construção. Alguns crentes nossos, residentes em França, no Canadá e nos Estados Unidos, enviaram-nos também uma preciosa ajuda. Mas a contribuição mais significativa veio-nos da União Portuguesa e da Divisão Euro-Africana, que nos ajudaram com 50 % do custo total da construção.

É-nos grato mencionar que a construção do novo templo do Barreiro foi feita



por um irmão nosso, Carlos Dias, 1.º ancião da igreja de Setúbal, que é construtor civil. Sabemos como o seu coração esteve nesta obra e para isso basta dizer que o seu orçamento foi inferior em 20 mil contos aos outros que nos foram apresentados! Para ele, também, o nosso sincero agradecimento.

A nova igreja tem um salão de culto com capacidade para 250 lugares sentados, um salão de jovens e salas apropriadas para as classes da Escola Sabatina das crianças e jovens, além de salas de apoio para actividades leigas e obra social e educativa da igreja. Possui ainda, no terceiro andar, condições para se adaptar esse espaço a residência pastoral.

O dia da inauguração foi um dia de festa para os muitos irmãos e amigos que nos deram o prazer da sua presença. Perante tão grande afluência, tivemos de instalar no salão dos jovens um circuito interno de TV para que uma boa parte da assistência pudesse seguir o culto de dedicação da igreja.

A cerimónia de consagração foi presidida pela Pastor Joaquim Morgado, presidente da nossa União, mas outros oficiais da mesma estiveram presentes e deram a sua colaboração. O culto de Sábado, desse mesmo dia, foi feito pelo Pastor Juvenal Gomes, secretário-tesoureiro da União.

No momento da dedicação a Deus do novo edifício, fez-se um pequeno historial do começo da obra adventista nesta cidade, sendo mais uma vez lembrado, entre outros, o nome da pioneira Rosa Grelha. Estava connosco a sua filha, nossa irmã Angélica. Foi também feita referência aos diversos pasto-

res que tiveram a responsabilidade desta congregação e, graças a Deus, estavam presentes um bom número, que convidámos a subir à tribuna: Arnaldo Borges, Manuel Laranjeira, João Esteves, Manuel Miguel, Abílio Echevarria, Samuel Reis e António Mauricio. Convidámos também a ir à tribuna alguns irmãos presentes que tinham dedicado especial interesse a este projecto de construção.

Haveria melhor maneira de iniciar as actividades de uma igreja do que proceder a uma cerimónia baptismal? Pois foi o nosso privilégio, nessa mesma tarde, ver 12 preciosas almas descerem às águas do novo baptistério da igreja do Barreiro. Nessa cerimónia contámos com a colaboração do Pastor Arnaldo Borges, que baptizou três dos seus netos, sendo o pastor local oficiante nos restantes nove.

Uma palavra de agradecimento aos grupos musicais das igrejas de Setúbal, Baixa da Banheira e Barreiro que abrilhantaram os momentos alegres mas solenes desta festa espiritual.

Encerra-se assim um capítulo na nossa história, mas começa outro e a nossa militância continua. Porque a melhor maneira de mostrar a Deus o nosso reconhecimento pelo muito que fez por nós, individualmente e como igreja, é dedicarmos-nos, com redobrado entusiasmo, ao nosso apostolado cristão, levando a bem-aventurada esperança da vinda de Jesus aos nossos concidadãos, convidando-os a virem à “nossa igreja”.

Fernando Mendes é Pastor da igreja do Barreiro.



A SAÚDE: O que é que a Igreja pode fazer neste Domínio?

Para se ter êxito em qualquer empreendimento é preciso estar-se convencido da importância daquilo que se faz. Com que objectivo é que Jesus veio viver nesta terra? «Era Sua missão restaurar inteiramente os homens; veio trazer-lhes saúde, paz e perfeição de carácter.»⁽¹⁾ «A própria essência do evangelho é restauração, e o Senhor quer que induzamos os enfermos, os desamparados e os aflitos a se apoderarem da Sua força.»⁽²⁾ «O evangelho por Ele pregado era uma mensagem de vida espiritual e de restauração física. O libertamento do pecado e a cura da doença estavam ligados entre si.»⁽³⁾

Após compreendermos o significado da sacri-fício de Jesus, que nos liberta do pecado, e que aceitar o Salvador nos leva a pôr em prática um novo estilo de vida, temos então de dar um segundo passo, e este consiste em tomar uma decisão pessoal. Dela dependerá a nossa vida e felicidade futuras. Não é apenas o nosso velho coração e o nosso cérebro que têm de morrer para renascer. Deus deseja dar-nos igualmente um novo estômago e novos músculos. Trata-se de um grande desafio, mas também de uma experiência maravilhosa!

Uma mudança

É o momento de nos informarmos sobre o movimento, o modo de nos alimentarmos, de superar o stress, etc. Descobrimos, então, no nosso corpo, mecanismos extraordinários, leis destinadas a preservar a saúde, compreendemos o poder dos sentimentos e dos pensamentos, o segredo da alegria em Jesus Cristo. Por um lado, começamos a apreciar a frescura da água, tomamos consciência do poder e do amor de Deus nas belezas da natureza ao nosso redor, mas, por outro, notamos também gente que sofre, e interrogamo-nos sobre quando será

restabelecida sobre a terra a felicidade perfeita. Sondamos o futuro, os nossos olhares voltam-se para a nova Jerusalém, onde reinará a paz... (Cf. Apoc. 21:1-4).

Então, reordenando as prioridades da nossa existência, tentamos ajudar os nossos semelhantes a encontrarem Aquele que pode salvar a alma e o corpo, tal como o fez a Samaritana (João 4:5-43) junto ao poço de Jacob: «Assim que encontrou o Salvador, a Samaritana levou outros a Ele. [...] Essa mulher representa a operação de uma fé prática em Cristo. Todo o verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como missionário. Aquele que bebe da água viva, faz-se fonte de vida.»⁽⁴⁾

Por onde começar?

A questão seguinte é: Por onde se deve começar? «Mas ninguém precisa de esperar até que seja chamado para um campo distante, para principiar a ajudar a outros. Portas de serviço acham-se abertas por toda a parte. Acham-se por todo o lado ao redor de nós os que necessitam de auxílio. A viúva, o órfão, o doente e o moribundo, o magoado, o abatido, o ignorante e o desprezado, acham-se por onde quer que formos.»⁽⁵⁾ Isso representa um novo e ainda não experimentado campo de acção para nós. Perguntamo-nos se não existirão organizações em que possamos «delegar» a nossa responsabilidade. E sem dúvida esse é um raciocínio corrente. «Há por toda a parte a tendência de substituir pela obra de organizações o esforço individual. A sabedoria humana tende à consolidação, à centralização, à edificação de grandes igrejas e instituições. Muitos deixam às instituições e organizações a obra de beneficência; eximem-se do contacto com o mundo, e o coração torna-se-lhes frio. [...] Cristo confia a Seus seguidores uma

obra individual — uma obra que não pode ser feita por procuração. O serviço aos pobres e enfermos, o anunciar o evangelho aos perdidos, não deve ser deixado a comissões ou caridade organizada. Responsabilidade individual, individual esforço e sacrifício pessoal é uma exigência evangélica.»⁽⁶⁾

Benefício pessoal

A Bíblia declara que «a religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e guardar-se da corrupção do mundo» (Tiago 1:27). Exigirá Deus, de facto, o nosso tempo, as nossas energias e ainda o nosso dinheiro? Haverá nisso algum benefício para nós? Oh, sim, muito até! «Os que manifestam verdadeira beneficência através de actos de simpatia e compaixão para com os pobres, os afligidos e os infelizes, não somente aliviam o fardo desta categoria de pessoas, mas contribuem, além disso, para a sua própria felicidade, bem como para a sua saúde física e espiritual.»⁽⁷⁾ «As boas acções são bênçãos duplas, beneficiando tanto o que pratica como o que é objecto da bondade. A consciência de proceder bem é um dos melhores medicamentos para corpos e mentes enfermos. Quando a mente está livre e satisfeita por um sentimento de dever cumprido e o prazer de proporcionar felicidade a outros, a animadora e nobilitante influência traz vida nova a todo o ser.»⁽⁸⁾

Após ter travado um combate interior durante algum tempo, é agora a altura de o crente enfrentar a situação com realismo e elaborar um plano de acção. Tomemos a decisão de dirigir aos nossos semelhantes palavras amáveis, de sorrir-lhes. Talvez algum deles precise de uma «mão estendida». Talvez tenhamos de parar al-

gumas vezes para ajudar uma pessoa em necessidade. Lembremo-nos da parábola do Bom Samaritano (Luc. 10:25-37).

Novas perspectivas

Eis-nos em plena acção, em contacto com as pessoas. Portas até agora fechadas começam a abrir-se. Fizemos algumas experiências positivas e somos já considerados como quase peritos na matéria. Eis-nos diante de novas possibilidades. Reservemos, pois, cada semana, alguns momentos para «ajudar o próximo». Formemos equipa com um amigo, ou com o nosso cônjuge, e, se temos filhos, façamos o possível por dar-lhes a possibilidade de participarem também. Escolhamos uma actividade, talvez aquela de que mais gostemos. Depois, para estabelecer o primeiro contacto, talvez possamos enviar a essa pessoa um postal ou uma revista, ou um convite para participar num curso de cozinha, ou um livro, uma flor... Sejamos criativos! Aproveitemos as datas especiais, como, por exemplo, o Natal, a Páscoa, o Dia das Mães, etc. A iniciativa tem de partir de nós e nós temos de ser vencedores. Só assim, no fim da nossa carreira terrestre, ouviremos um dia as palavras: «Vinde, benditos do meu Pai, possuís por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque eu tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me, adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me» (Mat. 25:34-36). Meu irmão, minha irmã: eis a própria essência da MIS-SÃO GLOBAL.

1. E. G. White, *A Ciência do Bom Viver*, Lisboa, Publicadora Atlântico, 1990, p. 17.

2. E. G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, Lisboa, Publicadora Atlântico, ed. Bolso, p. 788.

3. *A Ciência do Bom Viver*, p. 111.

4. *O Desejado de Todas as Nações*, p. 174.

5. *A Ciência do Bom Viver*, p. 152.

6. *Ibid.*, pp. 147, 148.

7. *Testimonies for the Church*, vol. 4, p. 60.

8. *A Ciência do Bom Viver*, p. 257.

O Dr. Jochen Hawlitschek é o director do Departamento Médico da Divisão Euro-Africana.

Natal - De quem é a Festa?

Nas casas, pinheiros enfeitados com luzes coloridas; nas ruas, pais natais propangadistas, saco às costas, distribuindo guloseimas pelas crianças; nas lojas, máquinas registadoras tilintando em ritmo acelerado; o correio, a todo o vapor, levando e trazendo cartões de Boas Festas.

Pessoas de dinheiro passam a abastecer-se no comércio, preparando-se para a grande festa. Bacalhau e peru para a ceia. Presentes para os familiares. Uma caixa de uisque para o gerente do banco. Caixas de champanhe e aguardente para os políticos.

No bairro de lata — para lembrar Jorge Medauar —, o menino quer pôr na janela uma caixa de sapatos, na esperança de que o Pai Natal ainda esteja vivo. Mas na barraca de tábuas não há janelas — só uma porta tapada com um pano de saco. E ele fica sem saber o que fazer com a caixa vazia. Depois, amarra-lhe um fio, e faz da caixa um carrinho de brinquedo.

É Dezembro. É Natal. E esse é o Natal, de ricos e pobres, por aí fora. Um Natal que às vezes tem tudo, menos Cristo — se é que pode haver Natal sem Cristo.

Lamentavelmente, Jesus é esquecido por muitos no convencional dia do Seu próprio nascimento; e o tema do Natal é cada vez mais industrializado. Parentes e amigos de todos os níveis são lembrados; Ele, não. Ou, se é lembrado, não é convidado para fazer parte da festa, vivendo no coração de cada um. Presentes são oferecidos a ricos e pobres, menos a Ele. Isso porém não é de admirar; sempre foi assim — embora O entristeça. Quando nasceu, há quase dois mil anos, só foi reconhecido, aceite e lembrado por uns poucos — o que nos faz pensar: Seríamos hoje esses poucos? Fazemos as vezes dos reis magos? Dos pastores? De Herodes? Dos judeus em geral, ou de quem? Se somos os que O aceitam, como fica o nosso

caso no Natal? Deve o cristão, e o adventista em particular, comemorá-lo? De que maneira? Um peruzinho na ocasião vai bem? Uma árvore na igreja seria pecado? E os presentes das crianças, onde ficam? Mais importante: O Aniversariante não merece um presente? Se Ele nasceu do amor, onde fica o nosso amor para com os pobres, de uns para com os outros e para com Ele? Se Ele é o Libertador e Redentor, não aproveitaremos a ocasião para levar adiante essa libertação e essa redenção? O que fazer, se nem sabemos em que dia Ele nasceu?

Data

Como é do nosso conhecimento, Cristo não deve ter nascido a 25 de Dezembro. A Bíblia — talvez numa atitude de prevenção contra a idolatria de uma data — não menciona o dia, nem o mês. A História também não pode precisar nenhuma data. Nos primeiros séculos, o Seu nascimento foi comemorado ora a 25 de Março, ora a 6 de Janeiro (no caso do Oriente). Em alguns lugares, já no dia 25 de Dezembro. Mas essa data só se firmou definitivamente no quarto século, numa cristianização da grande festa nítiraico-pagã *natalis invicti solis* (nascimento do Sol invencível). Primeiro no Ocidente, depois no Oriente.

A Bíblia menciona que, quando Cristo nasceu, pastores que estavam no campo com as suas ovelhas O visitaram. Ora, dificilmente os pastores da Palestina ficariam no campo, ao ar livre, no mês de Dezembro, que é na região a estação fria do Inverno. Isso indica, portanto, que a data deve estar errada.

Deve-se comemorar

Mesmo com esse problema de data, a maioria dos adventistas que têm falado e escrito sobre o tema acha que devemos comemorá-lo. Em 1962, Kenneth H. Wood escreveu: «O cris-

tão se separará completamente dos aspectos maus do Natal, tais como convivências festivas regadas a licores e outras pecaminosas extravagâncias, porém ele será o primeiro a dar graças pelo nascimento do Infante de Belém.» Por sua vez, William G. Johnson, editor da *Adventist Review*, afirmou, em 1984, que «não devemos deixar de demonstrar o nosso regozijo pelo nascimento de Jesus, nosso Salvador e Senhor». E o pastor Luiz Waldvogel, que foi redactor da Casa Publicadora Brasileira, dizia que «neste ou naquele dia, o milagre se verificou e bem merece ele um período de memorização especial».

O Dr. Horne P. da Silva, antigo professor de teologia no IAE (Instituto Adventista Brasileiro), é também a favor: «Acho que o adventista deve comemorar o Natal. De preferência, em família e sem muita comilança, porque senão descamba para o paganismo.» O pastor Tércio Sarli, presidente da Associação Paulista Central, declara: «Em casa, o comemoramos com troca de presentes e cartões, e muita alegria, não faltando nem a árvore. Mas tudo de maneira bem equilibrada e dentro do espírito cristão, porque a data não deve servir de pretexto para muita comida e festança.»

Como comemorar

Se é bom que o cristão não deixe de comemorar o Natal, é melhor ainda que o não festeje de qualquer maneira. Segundo o Prof. Orlando Ritter, director da Faculdade de Arte e Ciências do IAE, deve-se comemorá-lo num contexto cristão, em família ou na igreja. Sendo que o «espírito consumista» não combina com o «espírito do Natal», requiere-se do cristão que não enfatize demais a troca de presentes. Ellen White recomenda que os demos «de maneira que se provem um real benefício ao que recebe». Ela sugere bons livros — o que é um grande presente, tanto para o bolso de quem dá como para quem recebe e gosta de livros!

Naturalmente, o aspecto pagão da «festa», como bebedeiras e comedeiras, também ficará de lado. Lembrar na ocasião que «mais bem-aventurada coisa é dar do que receber» não será nada mau para o estômago dos pobres. Ainda, segundo Ritter, alguns farão



bem em examinar suas relações com a igreja e com Cristo.

Para Ellen White, os jovens «não devem ser deixados no Natal a buscar seus próprios divertimentos em prazeres vãos, em diversões que lhes rebaixarão a espiritualidade». Mas isto não quer dizer que a programação natalina deva ser árida e desinteressante. Não, ela deve ser repleta «de inocente prazer que leve o sinete do Céu». No Natal do cristão, estarão presentes a felicidade, a alegria e a leveza de consciência. Nessa ocasião (e sempre), o cristão se disporá a permitir que o Libertador o livre do asfixiante egoísmo, o imunize contra o interesse próprio e o encha de espírito perdoador e disposição amável.

O Dono da Festa

Acima de tudo, o Natal do cristão será caracterizado pela presença de Cristo na sua vida e em seu lar. «Às vezes, é difícil os cristãos se converterem de facto a Cristo, por causa da rotina religiosa», diz o Dr. Horne, acrescentando que «essa, contudo, é a única maneira de termos um Natal feliz e cheio de significado — isto é, fazendo do coração uma manjedoura e convidando-O para comandar não só a festa do Natal, mas toda a nossa vida.»

A comemoração do próximo Natal só será verdadeira se procurarmos fazer o amor nascer e renascer ¹;

promovermos a justiça e a paz; abriremos as portas da casa e do coração aos que sofrem e suplicam conforto; perdoarmos quem nos feriu; depusermos a crítica destrutiva; batalharmos pela verdade, sem pactuar com a mentira; renunciarmos ao egoísmo, servindo com generosidade; sorrirmos para alguém, mesmo quando cansados; enxugarmos as lágrimas dos que choram; levamos fé e esperança ao mundo descrente; vivermos o Sermão da Montanha; promovermos o reino dos Céus; agradecermos a Deus o Dom do Amor e da Salvação; e dissermos, como o apóstolo Paulo: Já não sou eu que vivo. É Cristo que vive dentro de mim.

Se fizermos isso, teremos um verdadeiro Natal — porque sempre que isso acontece, não importa a época do ano, é Natal; é Cristo que nasce e continua a viver. Então a festa natalina adquirirá um novo significado para os cristãos. Ela será de Cristo, o Aniversariante; ela será nossa, que cremos em sua encarnação e em Sua segunda vinda. Nem tudo estará perdido se neste ano a festa for nossa. Feliz Natal!

1. Adaptação do texto «É Natal» publicado no *Livro da Família* 1986.

Marcos de Benedicto é redactor-ajudante na Casa Publicadora Brasileira e este artigo é excerto da *Revista Adventista Brasileira*.

juventude

N.º 4 — DEZEMBRO 1991

PÁGINAS DEDICADAS AOS JOVENS, TIÇÕES, DESBRAVADORES E COMPANHEIROS DAS IGREJAS ADVENTISTAS EM PORTUGAL

7.º Camporee Internacional: Poppi, Itália

Segunda-feira, 29 de Julho, 21h15, Poppi, Itália.

As bandeiras dos onze países representados descem lentamente do mastro ao som da trompete. O momento é emocionante. Os 1.200 participantes mantêm-se em silêncio. A palavra de ordem tradicional acaba de ser pronunciada: "Declaro o 7.º Camporee Internacional da Divisão Euro-Africana encerrado."

As autoridades da vila de Poppi estão presentes, assim como estiveram por ocasião da cerimónia de abertura, a 22 de Julho, pelas 20h00. Em alguns segundos, os desbravadores dirigem-se aos responsáveis a fim de obterem um autógrafo. Antes desta simpática confusão, os momentos mais marcantes desta aventura vêm ao meu espírito.

Uma população multiplicada por 10

Primeiramente foi necessário preparar o local, um dos mais belos centros de juventude na Europa. Foi comprado e construído com muita luta pelo pastor Rolando Rizzo. Imaginem uma grande casa, cercada de terraços onde pensámos alojar 1.000 pessoas no máximo. Fomos 1.200, algo de diferente para este parque que de um modo geral está habituado a albergar grupos entre 100 e 150 pessoas. O equipamento do parque apresentou alguns problemas. Foi necessário construir casas de banho, duches, escavar canalizações, fazendo votos para que a água não faltasse e para que não houvessem tempestades, habituais neste local. Cada um deu o seu melhor. Corrado Cozzi, o responsável pela juventude adventista de Itália, e a sua equipe de voluntários fizeram o seu melhor. Após alguns trabalhos, as instalações funcionaram satisfatoriamente.

A chegada das delegações

Como organizar a chegada de vinte autocarros e de uma quarentena de carros e de rouletes numa estrada estreita, onde a passagem simultânea de dois veículos era quase impossível? Foi necessário fazer vários parques de estacionamento e arranjar transportes para carregarem as bagagens e, claro está, controlar o tráfego no dia da chegada e da partida. Vivemos alguns momentos difíceis, como o de estacionar à frente do centro, bloqueando todo o trânsito, e para o restabelecer foram necessários quarenta minutos.

Segunda-feira à tarde, quando todas as delegações já tinham chegado, o campo fazia-nos lembrar uma colmeia em plena actividade. Como é que iríamos controlar tudo isso? Será que os desbravadores se sentiriam felizes de estarem juntos apesar das barreiras linguísticas e culturais? Será que as instalações aguentariam toda esta afluência? Para facilitar a sua integração, à chegada, cada desbravador recebeu uma pequena brochura contendo os cânticos, o programa, informações e um autocolante com o lema do Camporee, um boné e uma fita com a inscrição "Camporee 1991." Ofertas que geralmente são sempre apreciadas e que produzem sempre um efeito positivo.

Impressionante desfile

Segunda-feira, 20h00. Estão todos presentes e formados no campo de futebol, atrás das bandeiras dos seus países. Visto de cima, o espectáculo é impressionante. O presidente da Câmara e os seus conselheiros estão admirados. Durante quinze minutos, assistem ao desfile. Apertam-se uns contra os outros. O anfiteatro está repleto. Há lugares suficientes para todos os participan-



tes. A organização está a trabalhar bem. O Camporee começa. A máquina está em andamento.

Durante oito dias as actividades encadeiam-se-ão umas a seguir às outras para grande alegria de todos, sobretudo para os jovens! O campo tornou-se numa pequena aldeia com locais para encontros: o anfiteatro era o local de encontro de manhã e à noite, os campos de desporto, os quiosques, os quadros de informações, a loja de vendas. Duas vezes ao dia os directores de campo encontravam-se para em conjunto fazerem o ponto da situação das actividades realizadas e das que se iriam realizar e esclarecerem alguns pontos que eventualmente poderiam trazer problemas. A equipe está bem unida e cheia de boa vontade. Os grupos de trabalho, após esta actividade, têm alguns momentos de descanso. Cada actividade é estudada e ultimada na presença de um representante de cada delegação.

Do estádio à cruz

O desporto, claro está, teve o seu lugar neste encontro. Foi dirigido por Pedro Villa, director da juventude de Espanha. Houve um percurso de "aventura", preparado pela delegação da Alemanha de Leste, uma corrida de orientação, organizada pelos suíços, um jogo bíblico organizado pelos belgas... e dois excelentes serões

com as delegações da Europa Central e do Sul. Tudo isto foi vivido com alegria e entusiasmos.

Fazendo parte da família de Deus

Revejo os 1.000 desbravadores ouvindo o Roberto Badenas falar do futuro. "Preocupo-me com o meu futuro" era o nosso lema. E há imagens muito fortes que ficaram marcadas no meu espírito: a cerimónia baptismal, em que vinte jovens selaram a sua aliança com Deus. E não há palavras para descrever o emocionante momento em que um grande número de jovens se levantou, manifestando o desejo de ser baptizados num futuro muito próximo. Quantos eram? Mais de cem, que se levantaram de todos as direcções no anfiteatro e que se juntaram à volta do baptistério. Eles querem, como dizia Roberto Badenas, "fazer parte da família de Deus." No sábado este grupo é ainda mais numeroso ao responder ao apelo de Malcolm Allen. Malcolm é o chefe dos desbravadores a nível mundial. Os jovens gostam muito dele. A cada um ele pede que escreva uma mensagem para o Senhor numa folha, e que em seguida a venha colocar sobre uma cruz de madeira que fora colocada para esse efeito junto ao estrado. Em alguns segundos a madeira desaparece sob 330 folhas de papel. Muitas decisões para o baptismo são tomadas.

Sábado à tarde, depois do jo-

go bíblico, todos os desbravadores estão no campo de futebol. A delegação da França faz a encenação de Daniel 2. Babilónia, Pérsia, os Gregos, os Romanos sucedem-se. Uma estátua é desenhada. Magnífico. Num dos cantos do estádio uma mancha branca aparece. Duzentos desbravadores foram os actores desta cena viva. Foi um extraordinário estudo bíblico. O nosso futuro é com Deus. Ele triunfa sobre todos os impérios.

Vinte e cinco quilómetros de estradas e de rios limpos

Para os habitantes da região, assim como para as autoridades da vila, a "Operação Ecologia" permanecerá durante muito tempo gravada nas suas memórias. Organizada com o auxílio dos serviços municipais, estando presente a comunicação social, aproximadamente 1.000 desbravadores, acompanhados pelos seus chefes, limpam 25 Km de estradas e de rios. Foi a caça aos papéis. Um dia que culminou com um concerto público na praça do castelo de Poppi e com uma entrega de medalhas feita pelo presidente da Câmara.

Vizinhos contentes

São 21h30. Dentro de alguns instantes, os primeiros grupos deixarão o campo e dirigir-se-ão para os seus autocarros. A equipa responsável pela circulação está a postos. Reunir mais de 1.200 pessoas é sempre correr um risco. Tudo pode acontecer, e temos de ter em consideração os vizinhos que se queixam. Em Poppi, eles elogiaram-nos. A gentileza e

a boa conduta dos nossos jovens surpreenderam-nos. Nunca tinham visto um tão grande número de jovens atravessarem as suas propriedades e as ruas da sua aldeia. Este Camporee foi, segundo Corrado Cozzi, "uma boa promoção para a Igreja."

A aventura continua

Acabou! Tenho somente tempo de anunciar os próximos encontros internacionais, de recordar que o nosso objectivo é organizar um clube por igreja e fazer no sábado 9 de Novembro uma grande festa de Desbravadores. Ainda não tinha pronunciado as últimas palavras e um enorme número de rapazes e meninas precipitam-se na nossa direcção para uma longa sessão de autógrafos.

Foi uma bela experiência. O nosso objectivo, conduzir os nossos jovens para Cristo, foi alcançado. O saldo é grandemente positivo. Pela primeira vez, reforçamos a equipa de animação com dez voluntários, dos quais seis falavam duas ou três línguas. Estiveram à altura do acontecimento.

Já estou a pensar nos próximos camporees. Quantos sere-mos? 2.000? Para onde iremos? Os projectos no faltam. A juventude adventista não ficará inactiva: ela é a nossa riqueza, a nossa força. Devemos responder às suas expectativas. Devemos conduzi-la com amor e respeito aos pés do seu Mestre e Salvador Jesus Cristo.

John Graz

Departamental da Juventude
da Divisão Euro-Africana

Foram palavras emocionantes do nosso Jesus, antes de subir; não o disse só àqueles que O viram e ouviram nesse momento, mas di-lo a cada filho Seu, hoje, que se oferece para que esse Jesus o aceite como um Seu discípulo.» Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Elvas, como em Bragança, até aos confins de Portugal.»

O ano passado, em Elvas, vimos com os nossos olhos a actualização do poder de Deus naquela cidade. Este ano, em Bragança, os resultados ultrapassaram as expectativas dos mais optimistas.

Durante o ano, o grupo estudou o livro de Actos e também a obra *Actos dos Apóstolos*, de Ellen White, como preparação espiritual para o projecto. Também lá estudávamos e orávamos diariamente, todos juntos.

6000 folhetos anunciaram 6000 vezes a chegada do **Projecto Aliança** da Juventude Adventista à bonita e acolhedora cidade transmontana de Bragança.

As duas rádios locais foram incansáveis com o apoio que nos deram nos noticiários e nas entrevistas em directo e no estúdio.

O nosso programa consistia de O.T.L. (ocupação de tempos livres / escola cristã de férias), medição de Tensão Arterial e Concertos.

Na O.T.L., que se realizava todas as tardes num bonito jardim público, o trabalho foi extremamente gratificante. Como diz o poeta «o melhor do mundo são as crianças». Fantoques, histórias, trabalhos manuais, jogos e canções ocupavam durante duas horas cerca de 40 crianças, a maioria das quais estavam acompanhadas pelos pais ou avós.

Não é difícil semear o amor de Jesus no coração de uma criança, e eram muitas vezes as próprias crianças que queriam regar essa sementinha.

Os pais perguntavam quem éramos, que outras actividades tínhamos, porque fazíamos aquele trabalho. Tudo era facilmente respondido e à noite as crianças e as suas famílias vinham aos concertos.

Na medição da tensão arterial, não havia «mãos a medir»: 150 pessoas, por dia, chegavam às nossas mesas.



Havia quem estivesse mais curioso de saber a resposta das habituais perguntas — Quem éramos? Porque fazíamos aquele trabalho? — do que saber os valores da sua tensão arterial.

Todos eram convidados para vir à noite.

Então, nos concertos, todos cantávamos bem alto o amor que Jesus nos dá: a nós e a todos os que nos ouviam. Música, alegria, o sorteio de 50 Bíblias e a representação de um drama em que a criação, o nascimento e morte de Cristo foram mostrados de uma maneira clara e bonita a mais de 300 pessoas por noite.

No final vinham ter connosco e conversávamos sobre Jesus, partilhávamos o Amigo que tínhamos e quanto Ele havia transformado as nossas vidas. Isto com uma população, agora podemos dizer *com amigos*, que nunca viram a Jesus como um Salvador vivo, terno e actual.

Numa das noites, todos demos as mãos, numa roda gigante que circundava toda a praça. Centenas de vozes cantavam «põe tua mão na mão do meu Senhor da Galileia». Foi feita uma oração. «Nunca vimos nada assim aqui em Bragança», diziam as pessoas, as lágrimas nos olhos, os sorrisos nos seus lábios e a força com que nos davam as mãos mostravam a sede que têm de Jesus.

À noite, na nossa meditação antes do silêncio, perguntávamos uns aos outros como era isto possível. Tínhamos pedido, noite após noite, que Deus transformasse tudo o que levávamos de forma a tocar o coração das pes-

Projecto Aliança: Bragança/91

«Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto

em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, até aos confins da terra» (Actos 1:8).





soas, mas só um filtro brilhante de anjos colocados por Deus pôde tornar essa mensagem e esse amor emitido por jovens leigos e inexperientes naquilo que realmente é: o amor do Jesus Amigo que tem de ser levado a todos os Seus filhos.

No âmbito da Estratégia Global, acreditamos de todo o nosso coração que grupos com o nome de Aliança, ou qualquer outro, desde que tenham esse objectivo, fazem sem dúvida parte do plano de Deus para levar o Seu amor a todos em Portugal.

Oramos desde já para que nasçam e se fortaleçam grupos

deste tipo e oramos também por quem vai dar continuidade ao trabalho em Bragança. Deus vai abençoá-los!

Não queríamos deixar de dar uma palavra de agradecimento ao Governo Civil, Câmara Municipal, Junta de Freguesia, P.S.P., ao Instituto da Juventude de Bragança, à União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, e a Deus não há obrigados que cheguem. Com todo o nosso respeito e com todo o nosso louvor, para Deus, uma salva de palmas

Fernanda Carneiro
participante

longada sessão de exercícios, durante os quais pudemos apreciar não só a capacidade dos animais como o engenho e a arte dos seus tratadores.

Por fim, e para culminar um programa tão excelente, o sr. sub-comissionário Salgado Rosa mostrou desejo de mandar servir um lanche, o qual, devido ao adiantado da hora, tivémos de recusar.

No momento da despedida, oferecemos uma placa da nossa igreja, assim como uma Bíblia. Lamentando a inexistência de uma biblioteca, o sr. sub-comissário

disse-nos que quando ela fosse criada, a Bíblia seria não só o seu primeiro livro como também o mais importante. Depois de distribuídas pelos agentes presentes cerca de 25 revistas *Sinais dos Tempos*, regressámos com a satisfação de termos feito novos amigos e com a certeza de que uma porta se encontra aberta diante de nós, uma porta pela qual a Verdade pode fazer a sua entrada triunfal.

Anastácio Moreira
Director do Clube de Tições de Oliveira do Douro



REGIÃO NORTE

Visita dos Tições de Oliveira do Douro à 18.ª Esquadra da P.S.P.

Depois de transmitida a notícia aos 27 tições que em média frequentam o nosso clube, todos os olhos brilharam e os ouvidos ficaram atentos e ansiosos para saberem qual seria o motivo de tal visita.

O contentamento foi ainda maior quando souberam que o objectivo era visitar os cães-polícias e ver algumas das suas habilidades. Eles são capazes de socorrer pessoas sinistradas, conduzir cegos, manter a ordem, farejar droga e enfrentar um sem-número de outras situações não menos úteis.

Depois de autorizados pelo Senhor Comandante da Segunda Divisão do Norte da P.S.P. a visitar a 18.ª esquadra, no dia 16 de Janeiro do corrente ano, acompa-

nhados por alguns pais de tições, dirigimo-nos à referida esquadra, onde fomos recebidos com toda a cordialidade pelo sub-comissário Salgado Rosa, a quem tivémos a oportunidade de nos darmos a conhecer e de explicar as razões da nossa visita. Em seguida fomos convidados a ir para a sala de recepções onde os nossos tições receberam alguns conselhos práticos do homem, da lei e da ordem, os quais admoestaram os nossos juvenzinhos para não acompanharem pessoas desconhecidas, para não mexerem em objectos abandonados, para não aceitarem prendas de estranhos, etc., etc.

Após este discurso, dirigimo-nos para o campo de treino de cães e ali assistimos a uma pro-

REGIÃO CENTRO

Clube T.D.C. da Figueira da Foz Participa na FIRMAR 91

O clube T.D.C. da Figueira da Foz esteve presente com um stand na Fimar 91 (feira anual de actividades na Figueira da Foz), de 19 a 24 de Junho.

Durante os seis dias em que esta feira esteve aberta ao público distribuíram-se 5.715 folhetos

de Tições, Desbravadores e Companheiros, além de 1.488 revistas *Saúde e Lar*. Mas o principal foi o incessante testemunho daquilo que somos e o que é preciso para entrar nos Clubes dos T.D.C.. Como resultado desse esforço em divulgar a *Juventude*





Adventista, a Câmara Municipal através dos seus serviços de Turismo, convidou os T.D.C. locais para ajudá-los na realização de três outras actividades. Em todas elas, a nossa tarefa era somente estar ao longo da via pública por onde passariam os cortejos, a fim de impedirmos os espectadores de invadirem a via.

Assim, no dia 16 de Junho, pelas 15h00, auxiliámos na organização do 'Cortejo de Actividades Económicas', no dia 22, pelas 22h00, estivémos na 'Festa da Moda'; e no dia 23, pelas 21h30, estivémos no 'Desfile de Marchas Populares.' Foi sem dúvida uma excelente oportunidade para divulgar a Juventude Adventista da Figueira da Foz, e não só,

pois a Firmar, bem como as outras três actividades, integram-se nas festas da cidade que acontecem no mês de Junho, atraindo muitos visitantes.

Resta-nos expressar o nosso sincero agradecimento a todos quantos se envolveram neste 'empreendimento' e especialmente ao líder João Miguel, de Coimbra, que muito nos ajudou na construção do stand. Mas damos principalmente graças ao Senhor por mais uma oportunidade que nos deu para testemunhar do Seu nome.

Paulo Loureiro
Director dos T.D.C.
da Figueira da Foz

Tições, desbravadores e companheiros da Figueira da Foz, comemoram o 2.º aniversário

No passado dia 6 de Julho, os T.D.C. da Figueira da Foz comemoraram o seu segundo aniversário.

A presidir às cerimónias da manhã, onde destacamos o culto, esteve o departamental J.A.

da zona centro, Pr. Enoque Nunes. As cerimónias da tarde, baseadas em investidas, foram presididas pelo adjunto, Beto Pereira da Silva, o "Leão." O clube T.D.C. local conta actualmente com trinta e três membros, que,

nestes dois anos de actividade, representaram o seu clube em todos os acampamentos oficializados pelo Departamento J.A. Fizem ainda um acampamento de oito dias em Arganil e recentemente estiveram representados, com um stand, na feira anual de exposições da cidade. Além de tudo isto, é de realçar que estes dois anos de vida foram possíveis através da venda de autocolantes, onde a dinâmica dos T.D.C. locais foi fundamental.

Ainda no rescaldo destes dois

anos de vida, deve-se destacar a incessante prontidão dos pais destes jovens em colaborar com o clube.

Sem dúvida que o nosso líder máximo, Jesus Cristo, tem sido a fonte do nosso sucesso. É essa fonte de água cristalina que nos dá alento para enfrentarmos mais um ano de vida. Obrigado Senhor pelas Tuas maravilhosas bênçãos.

Paulo Loureiro
Director dos T.D. C.
da Figueira da Foz

Desbravadores e companheiros da Figueira da Foz fizeram uma caminhada de 40 Km

No dia 13 de Setembro de 1991, pelas 6h00, na serra da Boa-Viagem, os Desbravadores e Companheiros da Figueira da Foz iniciaram uma caminhada cujo destino era a praia de Mira, 40 Km a norte da Figueira da Foz. Com o decorrer dos quilómetros, as mochilas carregadas com o material necessário para um mini acampamento (sábado e domingo), e o dia a aquecer, as dificuldades foram surgindo, mas, quase no fim da tarde, a aventura chegou ao fim. Poucos terminaram sem bolhas nos pés, mas nenhum chegou sem umas quantas dores musculares!

O sábado e o domingo seguintes foram de descanso, exceptuando os momentos espirituais

e a conclusão do exame de excursão, a cargo do líder de Coimbra, Paulo Peixoto.

Na hora do regresso, a opinião geral era de que custara, mas pelos momentos de são companheirismo, valera a pena. Quanto ao cansaço, esse já passara à história, dado que já todos pensavam na insígnia de ciclismo, que exige cerca de 100 Km.

Resta-nos aproveitar a ocasião para agradecer a todos quantos aceitaram o desafio, inclusive os pais que acreditaram na resistência de seus filhos para chegarem ao fim.

Paulo Loureiro
Director dos T.D.C.
da Figueira da Foz



Notícias da Igreja das Caldas da Rainha

No dia 19 de Maio deste ano, realizámos, em colaboração com os Tições, Desbravadores, Companheiros e alguns membros de igreja, uma saída missionária a Gracieira e A-dos-Negros, em que alcançámos quase metade do alvo da igreja para a Campanha das Missões.

Nesse mesmo mês, a 25, a igreja das Caldas realizou a sua festa das mães, na qual colaboraram vários membros e visitas, bem como as secções infantis e juvenis da Escola Sabatina. Surpreendeu-nos a numerosa assistência que se juntou a nós no lanche de confraternização que se lhe seguiu e que tem acompanhado outras actividades da igreja. Na excursão anual da igreja, rea-

lizada a 2 de Junho, tivemos igualmente bastantes visitas, 31, que apreciaram o convívio com os nossos crentes, cantaram os nossos hinos e connosco confraternizaram. Esperamos que um dia venham também a partilhar da mesma bem-aventurada esperança.

De 28 de Setembro a 5 de Outubro, teve lugar, um Seminário de crescimento da igreja, com a colaboração de vários jovens que tinham assistido ao Seminário Maranata no colégio de Oliveira do Douro. Tal acção teve como objectivo preparar-nos melhor para o ano de actividades que agora está diante de nós. — **Emiliana Lima**, vice-directora dos jovens.



Igrejas de Leiria e Caldas da Rainha: Confraternização

No passado dia 15 de Junho, a confraternização entre as igrejas de Leiria e Caldas da Rainha revelou-se uma agradável oportunidade de testemunho público junto da população de S. Pedro de Muel.

Depois do estudo bíblico, dirigido pelos jovens das Caldas da Rainha, seguido da adoração em conjunto, as duas congregações

dirigiram-se para essa localidade onde, durante a tarde, realizaram, também em conjunto, um “cardioteste”, Leiria fornecendo a logística material com a montagem da tenda, e as Caldas da Rainha a logística humana. Beneficiaram então uma centena de pessoas que afluíram para os diferentes testes de saúde, determinando o seu risco de serem acometidas por doen-



ças cardiovasculares. Foi com agradável interacção e óptima harmonia que, devido ao afluxo de pessoas, os irmãos da igreja de Leiria também tiveram que intervir, reforçando a equipa das Caldas. Esta tarde terminou com

um agradável concerto pelo grupo de Leiria, envolvendo todos os presentes numa mensagem espiritual cantada. **Henoque Nunes** e **Luis Nunes**, pastores das igrejas de Leiria e Caldas da Rainha.

Rio Maior: 5 Jovens Baptizados

Em total harmonia com a natureza, num panorama maravilhoso sobre a lagoa de Óbidos, realizou-se no Sábado, dia 10 de Agosto, o baptismo do jovem José Manuel, da igreja de Rio Maior.

Foi o culminar de um dia de confraternização entre as igrejas de Caldas da Rainha e Rio Maior, com os irmãos e visitas em pleno mês de férias. Por outro lado, já no mês de Julho, no camporee europeu de Desbravadores, realizado na Itália, 4 jovens da igreja de Rio Maior tinham também concretizado a sua entrega a Cristo através do baptismo: Lucy, Anabela, Tiago e Filipe. A igreja ficou, pois, enriquecida com mais 5 jovens membros.

Assim terminou o primeiro semestre de actividades desta igreja, marcado por um verdadeiro assalto missionário sobre a cidade, de acordo com a metodologia “Maranata”, que contou também com a colaboração de irmãos de várias igrejas. Várias

personas a fazerem o curso de “A Bíblia Responde”, visitação de casa a casa, dezenas de contactos estabelecidos e uma classe baptismal a funcionar semanalmente caracterizaram esta primeira fase de um plano ousado e certamente abençoado pelo Céu. Ansiamos agora pelas maravilhas que o Senhor tem para nos oferecer. — **Luis Nunes**, pastor.



Retiro para Casais

Teve lugar no primeiro fim de semana de Novembro, por iniciativa do departamento Lar e Família, um retiro para casais das nossas igrejas.

Como já aconteceu em circunstâncias anteriores, à medida que os casais iam chegando, logo se notou a óptima disposição mental com que vinham, prontos a encetar o “trabalho” que os esperava.

Foi uma oportunidade de se trocarem informações que enriquecessem as experiências individuais e como casais. Foi a possibilidade de se fazerem reflexões

sobre os objectivos da vida de cada um, o que, certamente, ajudará a clarificar o futuro e tudo quanto ele pode reservar. Mas o mais importante foi o facto de todos terem sentido que Deus esteve muito próximo de nós, à nossa disposição para nos orientar e animar.

Foi certamente uma experiência positiva. No fim, ouvíamos alguns dos participantes dizerem, com muita alegria, que não se importariam de continuar... Foi também a possibilidade de aprendermos muito para a continuação deste trabalho tão importante em favor das famílias.



Sáímos de Monte Real já a pensar no próximo retiro, na Primavera de 92. Imaginamos quão significativo poderá ser, para as igrejas, o benefício que poderão obter com a participação dos seus casais. Não podemos deixar de sentir que uma igreja só pode ter estabilidade e dinâmica de crescimento quando baseada em famílias estáveis e felizes.

Compreendemos que para alguns poderá parecer difícil virem a um retiro de casais sem trazerem os filhos. Mas, se pensarem que tal se torna fundamental, que a própria igreja se devia organi-

zar para lhes proporcionar o apoio necessário, tudo poderá ficar mais fácil.

Continuamos a rogar a Deus pelos que já estiveram nos retiros de casais, para que preservem acesa a chama do amor e a alegria da amizade. Sendo a família, o campo de eleição para os ataques de Satanás na destruição da igreja, é também o terreno que, duma forma mais cuidada, deveria ser cultivado no nosso meio.

Contamos convosco para o próximo retiro! — **Daniel Esteves**, Departamento Lar e Família da União Portuguesa.

Notícias da Igreja de Sydney, Austrália

Teve lugar de 7 a 13 de Agosto, na igreja portuguesa de Sydney, Austrália, um ciclo de reuniões de reavivamento espiritual. Estas reuniões, subordinadas ao tema «Para uma Vida Melhor», focaram diversos pontos fundamentais do Cristianismo. Além dos membros, participaram regularmente umas vinte pessoas simpatizantes. Cremos poder exprimir o sentimento geral de que o Espírito Santo esteve presente de forma poderosa.

A igreja portuguesa de Sy-

dney é dirigida pelo pastor Nataniel Pereira, que foi educado no Colégio Avondale. Os seus 87 membros são oriundos do Continente, das Ilhas e do Brasil.

São grandes as possibilidades de evangelização entre os portugueses radicados na Austrália. Os nossos irmãos saúdam os leitores da *Revista Adventista* e pedem as nossas orações em seu favor. — **T. Ferreira**, pastor e professor de Teologia no Seminário de Colonges.



Acampamento de Famílias

Teve lugar, entre os dias 31 de Julho e 11 de Agosto, o acampamento nacional de famílias, que reuniu em permanência aproximadamente cento e setenta pessoas, número que cresceu durante os dois fins-de-semana para mais de duzentos participantes.

Aqueles que têm ido a estes acampamentos conhecem já a filosofia com que têm sido levados a efeito, mas, para aqueles que ainda não sabem, aproveitamos para referir que os mesmos são uma iniciativa do departamento Lar e Família da União Portuguesa, e que procuram de uma forma equilibrada promover a re-



O irmão Márinho, presença indispensável em todos os acampamentos



flexão e o debate sobre temas de utilidade para o lar, criando também um espaço de convívio e lazer para todos.

Este ano o assunto abordado foi «Os Conflitos na Família». Simultaneamente um grupo de jovens promoveu uma série de reuniões para o jovens presentes sobre temas diversos.

Podemos contar com a colaboração do Pr. Carlos Esteves na administração e do irmão Rogério Santos na direcção da cozinha, no entanto todos os participantes se disponibilizaram no melhor es-

pírito cristão a colaborar nas várias actividades diárias que era imprescindível levar a cabo. A todos agradecemos reconhecidamente.

Não foram poucos os que na hora da despedida repetiam insistentemente a frase: «Até para o ano.» Julgamos poder concluir que terão saído satisfeitos e pensamos que Deus esteve presente orientando e dirigindo todas as actividades. — **Daniel Esteves**, Departamento Lar e Família da União Portuguesa.

Rádio Juventude, Programa «Bom Dia»: 24 de Outubro de 1991

Inserido nun ciclo radiofónico dedicado a todas as confissões religiosas da cidade de Castelo Branco, fomos convidados para uma entrevista durante todo o tempo deste programa matinal.

Como informação geral, talvez não seja despropositado dizermos que a audição daquele programa é de 46.000 ouvintes em média, e que apanha quase todo o distrito de Castelo Branco. Aliás, é o programa local mais popular e de maior audição.

Procurámos dar uma imagem moderna, atraente mesmo, da nossa Igreja local e do nosso Movimento em geral, isto sem estar a ferir susceptibilidades, mas buscando que os ouvintes não nos confundissem com quaisquer outros movimentos religiosos.

A maior naturalidade possível foi a palavra de ordem, tendo nós reflectido a preocupação deste po-

vo que tem uma Mensagem de paz e amor para os nossos dias.

A verdade é que, num estilo muito pessoal, e com o cunho da sobriedade e da ternura do povo crente, ajudámos a dar vida a um excelente programa de rádio do género, uma novidade em Castelo Branco. As felicitações foram logo da produção e da assistência ao programa. Graças a Deus que conseguimos ser fluentes nas palavras e no equilíbrio das mesmas. Ganhámos amigos!

Num tempo de autêntico impasse (o peso que o preconceito tem!), Deus colocou-nos pela frente a possibilidade de falarmos ao coração de mulheres e homens que, pela primeira vez, durante três bonitas horas, tiveram a oportunidade de ouvirem algumas palavras da esperança que o povo adventista tem em Jesus. — **Manuel Garrido**, pastor.

Eu Agradeço...

No dia 17 de Novembro, foi assinalado mais um dia do Não Fumador. É uma iniciativa oficial, mantida pelo Conselho de Prevenção do Tabagismo, envolvendo vários ministérios, como sejam o do Planeamento Administrativo do Território, o da Saúde, o do Ambiente e o da Educação.

A Associação Internacional de Temperança [AIT] tem procurado dar o seu apoio a esta e outras iniciativas, quer participando integrada no Movimento “Tabaco ou saúde — Escolha saúde”, o que tem permitido capitalizar abertura, respeito e consideração pela nossa acção, difíceis de imaginar há alguns anos, quer através de acções directas por solicitação de variados organismos.

Como fomos pioneiros nesta obra, e porque as nossas acções se têm revestido de inegável interesse e qualidade (os múltiplos convites, até de organismos oficiais onde temos trabalhado, assim o atestam), este ano o Conselho de Prevenção do Tabagismo atribuir à AIT — Secção Portuguesa, uma menção honrosa, através da entrega de um Diploma de Mérito, com o destaque devido à sessão oficial em que teve lugar.

Nessa sessão, foram nomeados “Não Fumadores do Ano”, o Prof. Dr. Daniel Serão, ilustre patologista e professor da Faculdade de Medicina do Porto, e a Dr.^a Maria de Jesus Barroso Soares, que de uma forma particular desempenha o lugar de “Primeira Dama” deste país, como esposa do seu Presidente.

Ao receber, como representante da AIT, o Diploma, das mãos do Prof. Dr. Cayolla da Mota, presidente do

Conselho de Prevenção do Tabagismo...

Eu agradeço a Deus por, na Sua infinita misericórdia, ter permitido que vivesse essa realidade.

Eu agradeço à direcção da União Portuguesa o terem permitido que pudéssemos encaminhar a nossa acção de forma a tornar possível este reconhecimento público e oficial.

Eu agradeço a todos os colegas obreiros do nosso campo, pois, muitas vezes, têm sido a chave de abertura dos contactos que permitiram a nossa acção.

Eu agradeço a todos os que têm colaborado nos programas da AIT, quer realizando “Planos de 5 Dias Para Deixar de Fumar”, quer efectuando outras acções e disponibilizando-se a, de uma forma superiormente cristã, nos darem muito do seu tempo e esforço, permitindo que esta Associação seja o que é.

Eu agradeço a todos os que, confiando em nós, nos legaram a responsabilidade de levar por diante este trabalho que é um desafio constante.

A média anual das acções da AIT, nos últimos anos, foi de 20 “Planos de 5 Dias, 70 a 100 sessões de sensibilização de jovens em escolas oficiais, variadas sessões de educação para a saúde, e mais de uma dezena de seminários sobre stress e nutrição. Certamente que muito há para fazer, talvez muito mais pudesse ter sido feito, mas tenho que

Agradecer a Deus por permitir que tenha estado neste trabalho. Faltando-nos a capacidade, apenas a Sua graça tornou tudo possível.

Obrigado Senhor!

Daniel Esteves,
Departamento de Saúde e
Temperança da União

Novos Obreiros

António Lopes Amorim

Natural do Bongo, Angola, António Amorim viveu no Lobito até aos 7 anos. Veio então para a Figueira da Foz e mais tarde para Coimbra. Sua mãe já era adventista quando ele nasceu e por isso educou-o nas coisas espirituais, lendo-lhe a Bíblia, orando com ele, levando-o a participar activamente na vida da igreja. Chamavam-lhe “o pequeno Timóteo”, mas isso constituía um aspecto negativo, contra o qual ele se rebelava. Em termos de futuro, Amorim decidiu que faria engenharia e manteve esse objetivo até ao 12.º ano. Nessa altura, segundo conta, começou a sentir o desejo de falar e discutir com pessoas de outras igrejas sobre as nossas crenças. Assim, tinha encontros regulares com o responsável das Testemunhas de Jeová em Coimbra, ia às suas reuniões, debatia pontos doutrinários e as pessoas juntavam-se para ouvi-lo. No íntimo, sentia que mesmo sem se ter preparado, Deus inspirava-o e ele convencia as pessoas. Numa dessas ocasiões, estava presente um membro da nossa igreja que, ao ver como ele falava, lhe disse perentoriamente que ele tinha o dom da pregação e devia preparar-se para ser pastor. Amorim sentia-se numa encruzilhada e perguntava ao Senhor que rumo devia dar à sua vida.

Ora, enquanto sua mãe o educava sempre nas coisas espirituais, seu pai ajudava-o nas lições práticas da vida e procurava, por conseguinte, persuadi-lo a seguir engenharia. Mas Amorim tardava em decidir-se, sentia que devia preparar-se para o ministério. Então, a atitude de seu pai foi decisiva. Ele foi o primeiro a compreender as coisas e, apesar das suas ideias quanto a uma carreira rendosa e gratificante, decidiu apoiá-lo nos seus estudos de teologia e, inclusivamente, deu-lhe o dinheiro necessário para seguir para o seminário de Collonges... Estimulante foi também o facto

de sua namorada, Irene Paula Pinto Nogueira, hoje sua mulher, desejar também estudar teologia. Oriunda de uma família de adventistas reformistas, ela fora baptizada aos 12 anos e frequentava a igreja do Porto. Conheceram-se num encontro de jovens adventistas no colégio de Oliveira do Douro. Um ano depois do António se encontrar em Collonges, chegou a Paula. Ainda estiveram solteiros durante dois anos, tendo casado em 1989. Após ter feito o curso de assistente pastoral, a Paula ingressou no curso de evangelistas, hoje também aberto a senhoras, e obteve o seu diploma em Junho passado. Prepara neste momento o seu “mémoire”, uma espécie de tese que lhe dará o diploma de estudos superiores em Teologia, exactamente o mesmo que o marido possui.

Como se sabe, os estudos em França são muito caros e a pergunta que muitos se colocam é: Como se mantiveram em Collonges quatro anos? O António trabalhou como pintor e decorador de interiores dentro e fora do colégio. Foi a sua grande fonte de rendimento, mas fez outros trabalhos: farmácia, jardinagem, limpeza num clube de golfe e teve a seu cargo a manutenção do castelo em que este estava localizado. A Paula trabalhou na limpeza, na cozinha e na cafetaria do colégio e foi vice-preceptora durante o seu último ano de solteira.

Aspecto marcante deste período em Collonges foi o contacto com pessoas de influência na sociedade, gente com postos importantes em embaixadas e na ONU, e constatar o respeito que mostravam em relação à sua fé. Mas o mais importante de tudo foi a conversão da esposa de um senhor que na altura era o director do clube de golfe. Amorim deu-lhe não só o testemunho da fé, mas também estudos bíblicos, e para sua grande alegria a senhora já se baptizou. Esperamos que esta alma seja as primícias de uma far-

ta messe que o Senhor lhe concederá.

Paula e António gostam de trabalho da igreja na sua globalidade, adoram viajar e passear na natureza. A sua lua de mel foi passada na Turquia, a visitar os locais arqueológicos mencionados no Novo Testamento. Aliás, um dos grandes interesses da Paula é, precisamente, a arqueologia. António Amorim está colocado como pastor-estagiário na igreja central de Lisboa e dá aulas de Bíblia no colégio adventista desta cidade.

António José de Almeida Carvalho

Pertencia à igreja de Lisboa-Alvalade e é natural desta cidade. Oriundo de uma família de católicos tradicionais, não praticantes, António Carvalho conheceu a mensagem de uma forma muito interessante. Um grupo de jovens adventistas foi fazer trabalho missionário para um determinado bairro em que ele, por acaso, se encontrava na rua a falar com amigos. Entre os que foram, havia uma colega da sua turma, a Arminda. António chamou-a e perguntou-lhe o que estavam a fazer. Dali veio o convite para ir a casa da Ana Meyers, onde um grupo de jovens se reuniam para cantar e estudar a Bíblia. Foi e começou a participar das reuniões. Depois começou a ir à igreja e mais tarde foi baptizado pelo pastor Sabino, que era o responsável de Alvalade.

Pouco depois de frequentar as referidas reuniões, surgiu-lhe a ideia de que se devia preparar para o ministério, mas ele afastou-a. Nem queria pensar nisso. Um dia, porém, o apelo foi mais forte e ele convenceu-se de que era o chamado de Deus. Então, mais pela fé do que pelas possibilidades, avançou. Era já casado e tinha um filho. Ia trabalhando e juntando dinheiro, mas este nunca chegava. É neste momento que o seu pai vem em seu auxílio e os ajuda um pouco. Avançam, mas, apesar de tudo, esse primei-

ro ano em Collonges foi terrível. Porém, pouco a pouco, começaram a adaptar-se ao trabalho e venceram.

A esposa de António é Maria Emília Corales de Oliveira da Cruz Carvalho. É uma jovem da igreja de Alvalade, vem de famílias crentes e trabalhava num escritório. Conheceram-se, é claro, em casa da Ana Meyers. Quando o apelo para Collonges soou, ela partiu com seu marido para França, e lá trabalhou “em tudo”, da cozinha à lavanderia, até no Ecossem (cooperativa do Seminário).

Além do Filipe, de 8 anos, que já foi com eles para Collonges, o lar dos irmãos Carvalho foi acrescido de dois “franceses”. Lá nasceram o Tiago e a Tânia, que têm hoje 3 e 2 anos, respectivamente.

António Carvalho confessa que adora música, mas não tem grande formação musical. Percebe, isso sim, de electrotecnia, mas o seu desejo é dedicar-se à pesquisa teológica e levar outros a compreenderem as verdades bíblicas para o nosso tempo e a aceitarem a Jesus como seu Salvador pessoal. Esta é a sua vocação e por certo não lhe faltarão oportunidades, pois já está colocado como pastor-estagiário na igreja do Porto.

Luís Manuel Lobato Rosa

Provém de uma família de 6 rapazes e tem 38 anos. Nasceu em Abrantes, mas viveu no Gavião, Alto Alentejo, até aos 8 anos, altura em que veio para Lisboa. Empregou-se, ainda não tinha 10 anos, como aprendiz de fotógrafo, a seguir como moço de recados de uma sapataria e aos 13 entrou como paquete na Bertrand, donde saiu aos 30 anos, já como chefe de serviços da distribuidora de publicações. Entretanto, estudou de noite e fez o curso comercial. Deixou a Bertrand para ir tomar conta do fabrico de uma pastelaria de família e com essa idade foi aprender a arte de pasteleiro, em que trabalhou duran-

te 3 anos. Mas tais desafios, de começar a sua vida a partir do zero, não são problemas para o Luis e em breve a sua vida haveria de dar uma outra volta de 180 graus.

Mas voltemos um pouco atrás. A mãe do Luis Rosa era adventista. Seu pai, que também conheceu a mensagem, só se converteu um pouco antes de falecer, em 1985. Mas sua mãe viveu sempre a mensagem e nela procurou criar os seus filhos. Conta o Luis que sua mãe o obrigava a ir à igreja, mas que ele se sentava sempre no banco de trás, de cabeça baixa. Aquela que é hoje sua mulher, Maria Goreti, dizia para a irmã: “Mais um para a galeria dos monstros”, que eram os jovens que iam contra-vontade à igreja. E de facto, para o Luis, a porta de entrada era a da saída. Porém, pouco a pouco, os sermões começaram a impressioná-lo, particularmente os da irmã Maria Augusta Pires e os do irmão António Gameiro, que então era enfermeiro nos hospitais civis de Lisboa. Luis começou a conviver com os jovens da igreja da Amadora e Maria Goreti chamou a si a responsabilidade de ele não ser mais um na tal galeria. Começaram a falar, veio o namoro, ela era sua colega na Bertrand, e casaram no fim do ano de 1975.

Embora já baptizado e assistindo regularmente à igreja, Luis sentia-se insatisfeito. Achava que a sua vida espiritual falhava e que à sua vida faltava um rumo, um ideal. Um dia escreveu algo, uma espécie de oração e isso fez despoletar uma nova situação. Chegou à igreja com o sentimento de que alguma coisa ia acontecer naquele dia. E aconteceu. À porta encontrava-se o colportor Zé Baptista e este, após uma breve troca de palavras, disse-lhe de chofre: “Porque não vais para a colportagem?” Luis foi. Fez um ano de colportagem, com bastante êxito e daí nasceu o ideal de ir para Collonges. Fez experiências com Deus. Um dia estava decidido, mas no dia seguinte sentia-

-se desanimado. “Senhor, orava ele, se queres que eu vá para Collonges, então que eu venda hoje 5 colecções”. E vendia. E ele sabia bem que não era por acaso que as vendia. Tem experiências magníficas sobre este aspecto. Mas como é que um homem casado, pai de uma filha de 6 anos, podia embarcar numa tal experiência? E o dinheiro para se manter e à família durante 4 ou 5 anos? Mas quando Deus chama, chama. Chegou o dia em que eles decidiram avançar pela fé. As suas economias financiaram o primeiro ano escolar; no segundo, Luis contava com a Securitas, empresa suíça de segurança, mas esse trabalho foi vedado aos estrangeiros. Então Deus abriu-lhe uma porta e ele teve oportunidade de trabalhar na clínica adventista suíça, em Gland, na manutenção. Fez de carpinteiro, pintor, canalizador, etc., mas ganhou para os seus estudos. A Goreti também ajudou. Trabalhava em limpezas. Durante 6 anos trabalhou em casa de uma família de marqueses italianos. O senhor foi embaixador do Brasil e a senhora trabalhava numa instituição de emigração, ligada à ONU. Goreti e Luis fizeram uma profunda amizade com esta família e presentemente o filho único do casal estuda numa universidade adventista nos Estados Unidos e namora uma jovem, filha de pastores. Luis trabalhou também como recepcionista na biblioteca da faculdade e em 1989 foi nomeado ancião da igreja de Collonges.

Quando a estudos, Luis Rosa obteve o diploma de estudos superiores de Collonges, fez um exame “ad hoc” na universidade de Estrasburgo e a seguir a sua “maitrise” (licenciatura) em teologia, tendo escolhido como texto de base Romanos 7:7.

Perguntámos-lhe qual a sua maior experiência em Collonges, e ele respondeu prontamente: “Ter a nossa casa, sempre aberta para os colegas solteiros. Vivemos essa experiência com Roberto Badenas, um discípulo que se identifica com o Mestre e nos passou essa mensagem!”

Maria Goreti Ferreira Nunes Rosa, filha de crentes, é natural do Funchal, mas vive na Amadora desde os 8 anos. Possui o curso comercial e em Collonges fez um mini-curso para esposas de pastores. O casal tem duas filhas: a Raquel e a Susana, de 13 e 7 anos. Estão já colocados na mais recente cidade de Portugal: Moura, no Baixo Alentejo, e vão ter também

a responsabilidade de Évora e Beja. É um grande desafio para quem sabe possuir as bases teológicas, mas faltar-lhe o contacto humano que só a prática e a ajuda diária de Deus podem conceder. Mas Luis e Goreti não têm medo de desafios. Eles sabem que o mesmo Jesus que sempre os guiou, há-de fazer frutificar o seu ministério. — **M. R. Baptista.**

Convenção de Professores 91

Como habitualmente acontece em Setembro de cada ano, e para não fugir à regra, tivemos mais uma Convenção de Professores, no Colégio de Oliveira do Douro, de 5 a 8 de Setembro.

Este ano a União, convidou para animar a Convenção o Dr. J. Navarro, que exerce a sua actividade docente no nosso colégio de Sagunto. Durante este período, pudemos ter uma visão global dos primórdios da nossa obra educacional, assim como da filosofia a ela subjacente.

Nesta convenção tivemos a presença da maioria dos nossos docentes, repartidos pelos variados níveis, e assim pudemos partilhar uns com os outros algumas experiências inerentes à nossa vivência pedagógica. Quanto às escolas representadas, tivemos: Oliveira do Douro, Coimbra, Lisboa, Santarém e Setúbal. Esteve ausente a representação do Funchal por motivos por nós desconhecidos.

Os trabalhos foram abertos pelos respectivos departamentais e no campo espiritual contámos com a participação dos pastores Mário Brito, Paulo Mendes e Rogério Nóbrega, aos quais muito agradecemos o entusiasmo e vivacidade que imprimiram às suas mensagens.

É sempre enriquecedora tal iniciativa, pois, além do aspecto didáctico, proporciona o convívio entre os docentes, o que, de outra forma, não seria possível. Pudemos debater experiências pedagógicas através do que ouvimos evimos e assim tirar as devidas ilações.

Para o ano certamente que haverá mais e até lá aguardemos com empenho e confiança num trabalho mais profícuo pelo Mestre, Educação Adventista em Portugal. — **M^a de Lurdes Alves P. N. Carvalho,** Professora na Escola de Santarém.



Aguardando a Ressurreição

Benvinda Martins Marques



No Lar Adventista de Salvaterra de Magos, onde se encontrava havia pouco, faleceu, no dia 4 de Junho, a irmã Benvinda Martins Marques, que contava 87 anos. O funeral, dirigido pelo pastor Juvenal Gomes, que a conhecia desde Angola e ali se deslocou expressamente para esse acto, reuniu familiares e amigos — uma grande multidão de “sobrinhos”, pois a nossa irmã era carinhosamente chamada “Tia Benvinda”.

Nascida no Lubango, em Angola, ela era a terceira filha dos 18 que o casal Martins teve. Estes, oriundos da ilha da Madeira, tinham ido para Angola quando crianças, com suas respectivas famílias. Benvinda cresceu, pois, naquela terra que tanto amava, e ali casou. Quando, aos quarenta e poucos anos, enviuvou, em vez de se fechar na sua dor, voltou-se para os outros e fez entrega do seu afecto e meios a sobrinhos legítimos e adoptivos, tendo criado como filhos 5 jovens, dois dos quais até serem adultos.

Já depois de viúva, numa das vezes que foi ao hospital do Bongo, com uma amiga doente, Benvinda confidenciou à irmã Joca Rodrigues, que também já descansa em Cristo, o grande gosto que teria em trabalhar naquele hospital. Ela falou ao Dr. Parsons e este disse que quando houvesse uma vaga lhe falaria. E assim foi. A irmã Benvinda trabalhou no Bongo perto de 40 anos, tendo desempenhado várias tarefas, mas, pouco a pouco, foi-se habituando e praticando, até que começou a trabalhar como enfer-

meira e esta foi a sua grande vocação. Como estava sempre no turno da noite, e era muito carinhosa com os doentes, eles adoravam-na e chamavam-lhe o “anjo da noite”.

Quantas crianças e jovens terá ajudado a criar? “Não têm conto”, diz sua irmã Aline Candeias, “pois embora não tivesse filhos, ela adorava crianças. A última, a quem queria como filha e trouxe consigo de Angola, criou-a ela desde o segundo dia de vida até já ser uma mulherzinha, e encontra-se hoje a trabalhar na Suíça.”

De facto, a mãe desta jovem morreu de parto e o pai foi levá-la ao hospital para que a criassem. Tia Benvinda, é claro, tomou-a a seu cargo. Mas muitas das crianças que criou nasceram no próprio hospital do Bongo. Houve uma, por exemplo, que foi ali deixada por sua mãe, visto que a família se opunha ao seu casamento. Porém, um ano depois, aquela jovem mãe sentiu saudades do filho e foi vê-lo. Deparou então com um lindo bebé e foi mostrá-lo ao pai. Este ficou tão encantado com o filho que decidiu casar contra tudo e todos e lá levaram consigo o seu precioso rebento. Embora com saudades daquele “filho” que partia, Tia Benvinda deu graças a Deus por ele ter reencontrado os seus verdadeiros pais e um novo lar.

As histórias de amor desta vida dedicada aos outros são muitas e não saberíamos relatá-las todas. Mas aos olhos de Deus nada está perdido, pois sabemos como Jesus preza o que é feito, sobretudo aos Seus “pequenos irmãos”. Ela agora descansa dos seus trabalhos. Morreu com saudades da sua pátria terrena, Angola, mas em breve virá o dia em que Jesus lhe dará as boas-vindas naquela “Pátria melhor”. Então, verá o rosto feliz de muitos a quem ajudou com os seus meios e a sua afeição e, quem sabe, o próprio Jesus lhe dirá carinhosamente: “Seja bem-vinda, Tia Benvinda!” — **M. R. Baptista.**

Pastor Filipe Gonçalves Esperancinha



Vítima de doença súbita, faleceu, no Sábado 14 de Setembro, o irmão Filipe Esperancinha, pastor aposentado que residia em Almada e que completaria no mês seguinte 81 anos de idade.

Nas vésperas do seu passamento, dissera ao pastor António Morais da igreja de Almada: “Estou preparado para a morte. Só peço a Deus que não me dê sofrimento.” O seu pedido foi, pois, atendido. Tendo-se sentido mal na igreja, foi ao hospital e, já medicado, regressou a casa. Nessa tarde recebeu algumas visitas e a todas disse: “Estamos quase no fim do mundo e temos de nos preparar.” De facto, entre os seus papéis encontra-se o esboço de um culto que estava a preparar sobre os acontecimentos actuais e a breve volta de Jesus. Deste modo, até ao fim, ele revelou preocupação pelo rebanho que um dia fora chamado a cuidar.

Foi em 1950 que o pastor Esperancinha entrou para a obra adventista, mas tinha ele apenas 17 anos quando pela primeira vez ouviu pregar a mensagem do Advento, debaixo de uma palmeira, em Ribeira de Nisa. Trabalhava então como cesteiro e nessa profissão se manteve, cuidando da família que mais tarde veio a constituir. Entretanto foi baptizado juntamente com sua primeira esposa, irmã Maria José. A vida, porém, trouxe-lhe algumas provações. Sua esposa faleceu e ele viu-se sozinho com um filho de 7 anos. Nessa altura, os pastores Ernesto Ferreira e Dias Gomes fazem-lhe o convite para ir estu-

dar para o Colégio Adventista de Portalegre. O nosso irmão ganha novo alento e começa a sua preparação para o ministério adventista, que era de facto o sonho da sua vida. Quatro anos depois entra no trabalho activo. Entretanto, volta a casar. Desta vez, a eleita é a jovem Rita Cesaltina Riço Pereira, da igreja de Portalegre, que vai ser sua companheira de ministério durante 40 anos.

O primeiro posto do novo casal é a responsabilidade das igrejas de Avintes e Canelas, e algum tempo depois partem para o campo missionário de Cabo Verde. A seguir são chamados a trabalhar em Vila Real de Santo António, depois em Faro, mais tarde em Tomar e a seguir voltam ao seu Alentejo natal, onde o pastor Esperancinha tem a responsabilidade de Ribeira de Nisa, Santo António e Castelo de Vide. Entretanto, surge novo apelo missionário e ei-los que partem para os Açores, onde permanecem sete anos. Em 1969 dá-se o regresso ao continente. O pastor Esperancinha é nomeado para a igreja de Almada, e mantém essa responsabilidade durante oito anos. Reformado no fim de 1986, por limite de idade, esteve ainda um ano ao serviço, e até ao fim da sua carreira terrestre, sempre disponível para dar a sua colaboração nas igrejas da área em que residia.

O serviço fúnebre, em que se incorporaram muitos membros da igreja de Almada, teve lugar na segunda-feira dia 16 e nele colaboraram os pastores Joaquim Morgado, Alberto Nunes, respectivamente, presidente da União Portuguesa e secretário da Associação Ministerial, António Morais, da igreja de Almada e Júlio Cardoso, da igreja de Amadora, que realçaram o ministério deste servo de Deus e a promessa da segunda vinda de Jesus em que ele adormeceu.

A sua Esposa, irmã Rita Esperancinha, a seu filho e netos e demais família, apresentamos sentidas condolências. — **M. R. Baptista.**

ÍNDICE 1991

Não se inclui o número de Outubro, que contém a Semana de Oração (Adultos e Crianças) intitulada "Servos de Deus", nem a discriminação das várias notí­cias do campo e internacionais.

Açores e Madeira. *J. Morgado*, Mar., p. 3.

1991: Ano dos Tições/Desbravadores. *John Graz*. Fev., p. 2.

1991: Ano Especial, Um. *John Graz*, Jan., p. 2.

Aniversário, Um. *J. Morgado*. Maio, p. 3.

Assembleias Espirituais. Jul., p. 10.

"Até aqui nos ajudou o Senhor." *J. Morgado*. Jan., p. 3.

Avançando com Coragem. *J. Morgado*. Dez., p. 3.

Boa acção do Luís [hist. infantil]. *M. R. Baptista*. Jun., p. 14.

"Buscai primeiro o reino de Deus". *E. Ludescher*. Maio, p. 12.

Campanha das Missões. *J. Morgado*. Abr., p. 3.

Cântico de Asafe, O. *Ted Wick*. Jul., p. 16.

Celebração do Dia da Educação. *Odete Cachão de Almeida*. Jul., p. 14.

Como lidar com os novos conver­sos. *Carlote Fermum Lessa*. Nov., p. 7.

Como vêm os adolescentes a Igreja? *John Graz*. Abr., p. 8.

Conhecer a Jesus Cristo. *Georges Stéveny*. Mar., p. 7.

Conselho Anual da Divisão. *John Graz*. Jan., p. 19.

Conselho Anual da União. *J. Morgado*, Jan., p. 15.

Conversa com o Pastor Robert S. Folkenberg [Entrevista]. *William Johnsson*. Fev., p. 4.

Cooperai com Deus. *Fernando Ferreira*. Maio, p. 11.

Crente e as leis da Saúde. *E. G. White*. Fev., p. 8.

Cristo, nosso perfeito Caminho. *Calvin B. Rock*. Ag/Set., p. 10.

Cristo, nosso perfeito Modelo. *Calvin B. Rock*. Jun., p. 8.

Cristo, nosso perfeito Sacrifício. *Calvin B. Rock*. Jul. p. 7.

Desafios de Missão Global. *Carlos E. Aeschlimann*. Jun., p. 6.

Deus ainda controla os aconteci­mentos deste mundo. *A. Nunes*. Abr., p. 11.

Deus trabalha consigo na sua mente, parte 1. *César V. Souza*. Ag/Set., p. 17.

Deus trabalha consigo na sua mente, parte 2. *César V. Souza*. Nov., p. 13.

Dia da Bíblia. *J. Morgado*. Ag/Set., p. 3.

Dom de Profecia para os últimos dias, O. *M. N. Cordeiro*. Maio, p. 6.

Doutrina da Justificação pela fé, A. *Paulo Renato Garrochinho*. Abr., p. 12.

Elefante adventista, O. *Ann Cunningham Burke*. Maio, p. 12.

Ellen White fala a uma nova ge­ração. *Thomas Siebold*. Mar., p. 13.

Eloquência da simplicidade, A. *Neal C. Wilson*. Fev., p. 7.

Evangelismo infantil. *A. Nunes*. Maio, p. 2.

Família Walkus: de sociedade com Deus. *Myrna Tetz*. Abr., p. 14.

Fostes comprados por alto preço. *Erich Amelung*. Jul., p. 15.

Grande espera, A. *Mariana M. Palma*. Maio, p. 8.

Grandes possibilidades e imensas necessidades. *E. Ludescher*. Ag/Set., p. 16.

Importância das boas relações com as autoridades, As. *Gianfranco Rossi*. Jan., p. 12.

Inauguração do Novo Templo do Barreiro. *F. Mendes*. Dez., p. 5.

João Ferreira d'Almeida. *J. Morgado*. Ag/Set., p. 4.

Lar Advventista para Pessoas Idosas. *J. Morgado*. Jul., p. 3.

Lei e o Evangelho, A. *F. C. Guilbert*. Jul., p. 12.

Maradona internado no Sanatório Adventista Del Plata. *Francesca X. Gelabert*. Jun., p. 2.

Missão Global, Plano 1. *J. Morgado*. Mar., p. 2.

Mundo de Deus, O [poesia]. *Ed­die Askew*, trad. de António Conquênão Lopes. Ag/Set. p. 2.

Natal — De quem é a Festa? *Marcos de Benedicto*. Dez., p. 7.

Ngiratkel Etpison, Presidente da República das Palau. *Myron Widmer*. Maio, p. 9.

Nós O veremos. *Robert S. Folkenberg*. Jan., p. 2.

Nós O veremos em acções de amor. *Juanita Kretschemar*. Jun., p. 4.

Nós O veremos na unidade dos crentes. *Bekele Biri*. Maio, p. 4.

Nós O veremos no cumprimento da profecia. *Enoch de Oliveira*. Abr., p. 4.

Nós O veremos no poder da Sua Palavra e Evangelho. *G. Ralph Thompson*. Mar., p. 4.

Nós O veremos no poder do Pen­tecostes. *V. F. Bocala*. Ag/Set., p. 14.

Nós O veremos nos Santos Dez Mandamentos. *Werner Vyhmeister*. Jul., p. 4.

Nossas escolas, As. *J. Morgado*. Fev., p. 3.

Notícias de Moçambique. *José Carlos Costa*. Nov., p. 15.

Notícias encorajantes. *J. Morgado*. Nov., p. 3.

Novas de Grande Alegria. *José Filipe Pereira*. Dez., p. 2.

Oásis [poesia]. *Maria Sales*. Jul., p. 6.

Oferta especial para a reconstru­ção da antiga igreja de S. Julião. *J. Morgado*. Abr., p. 2.

Oferta para auxílio em casos de catástrofes. Maio, p. 15.

O melhor do mundo! *Paulo Renato Garrochinho*. Jan. p. 11.

Ordenação ao pastorado. Jul., p. 13.

Países de Leste um ano após a revolução. *John Graz*. Fev., p. 19.

Pedras! *Victor Alves*. Fev., p. 12.
"Pelo amor de Deus" [hist. infan­til]. *M. R. Baptista*. Ag/Set., p. 19

Pombo-correio, O [hist. infantil]. *M. R. Baptista*. Abr., p. 18.

Projecto da Divisão Euro-afri­cana para a Semana de Exten­ção Missionária 1991. *José Carlos Costa*. Ag/Set., p. 13.

Psiquiatria e Psicologia: oferecem estas "ciências" alguma solu­ção? *Paulo Cordeiro*. Abr., p. 16.

Que aconteceu com a reverência? *Gordon Bietz*. Nov., p. 4.

Que escola? Uma escola de alcan­ce eterno. *Gustavo Samuel Grave*. Abr., p. 6.

Quem são eles? *Ralph S. Watts Jr.* Fev., p. 14.

Rádio Mundial Adventista cele­bra o seu XX aniversário. Nov., p. 2.

Reflexões sobre a visita do Papa a Portugal. *Joaquim Dias*. Jun., p. 17.

Remoçado Curso de Doutrina em Oliveira do Douro, Um. *Er­nesto Ferreira*. Jun., p. 17.

Sacramentos em face das Escri­turas Sagradas [parte III], Os. *J. M. Matos*. Jan., p. 9.

Sal, O [hist. infantil]. Fev., p. 20.

Saúde: O que é que a Igreja pode fazer neste Domfício? *A. Jo­chen Hawlitschek*. Dez., p. 6.

Sentinelas, As. *Fernando Ferrei­ra*. Jul., p. 2.

Septuaginta, A. *Renato Emir Oberg*. Jan. p. 13.

Sete pecados capitais da nutrição, Os. *Aileen Luddington*. Fev., p. 9.

Sobrevivência sem operação cir­rúrgica. *Ronald Strasadowsky*. Mar., p. 14.

Sonho de Carlos, O [hist. infan­til]. *Mr. R. Baptista*. Maio, p. 14.

Trabalho missionário: obsoleto? *J. M. de Matos*. Nov., p. 6.

Tu tens [poesia]. *Carmen Sala*. Mar., p. 6.

Vocações. *A. Nunes*. Maio, p. 20.

Cadernos da Juventude

Nº 1 — Março

Nº 2 — Junho

Nº 3 — Novembro

Nº 4 — Dezembro

«Far-nos-is bem dedicarmos uma hora de reflexão
diária à contemplação da vida de Cristo»

E. White



As Meditações Matinais 1992,
Contemplando Jesus,
ajudá-lo-ão neste propósito.

Pedidos à Sociedade Missionária local ou à
Publicadora Atlântico - Rua Salvador Allende, It. 18-1.º